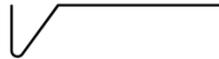


Etnopsicanálise no Brasil: revisando literaturas e contextualizando subjetividades



João Paulo Siqueira¹
Luiz Otávio Vieira²
Emilly Lima³

Resumo

Este trabalho se interessou pela constituição histórica da Etnopsicanálise, por sua concepção e recepção no Brasil e pelas potencialidades de intersecção entre a Antropologia e a Psicanálise na compreensão de subjetividades constituídas nas realidades pós-coloniais. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura sobre esse tema em 6 bases de dados: Scielo, Banco de Teses e Dissertações (BDTD), PePsic, LILACS, Periódicos da CAPES e Google Acadêmico, com recorte temporal de 2010 a 2019. Após análise de elegibilidade, incluímos 6 trabalhos de diferentes naturezas, entre articulações teóricas, relatos clínicos e teses de doutorado. Percebemos um baixo número de produções nacionais sobre a Etnopsicanálise e também sobre uma prática psicanalítica transcultural. Esperamos que em breve seja possível enveredar sobre várias produções que nos permitam falar a respeito de uma Etnopsicanálise à brasileira.

Palavras-chave: etnopsicanálise; antropologia psicanalítica; revisão de literatura; subjetividade; colonialidade.

Abstract

The current work was interested in the historical constitution of ethnopsychanalysis, its conception and reception in Brazil and the potentialities of intersection between anthropology and psychoanalysis in the comprehension of subjectivities constituted in post-colonial realities. To that end, we produced a literature review on this topic in 6 databases: Scielo, Bank of Theses and Dissertations (BDTD), PePsic, LILACS, CAPES Journals and Google Scholar, with a time frame from 2010 to 2019. After analysis of eligibility, we included 6 papers of different natures, among theoretical articulations, clinical reports and doctoral theses. We perceived a low number of national productions on ethnopsychanalysis and also on a cross-cultural psychoanalytic practice. We hope that soon it will be possible to embark on various productions that will allow us to talk about a Brazilian ethnopsychanalysis.

Keywords: ethnopsychanalysis; psychoanalytic anthropology; literature review; subjectivity; coloniality.

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: joaop.307@gmail.com

² Graduando em Psicologia pela UnB. E-mail: luiz.psi.go@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela UnB. E-mail: efl.emilly@gmail.com

Introdução

A tentativa de compreender os fenômenos humanos e sociais acompanham a história da humanidade desde seus primórdios. Apesar das milenares teorizações de natureza filosófica e religiosa, ao longo dos séculos foi sendo constituída a ciência moderna como método apropriado para a compreensão da realidade. Essa nova tradição de pensamento, que surge no contexto europeu, recorre à lógica matemática para embasar práticas empíricas que possibilitem replicabilidade e substitui a até então tradição hegemônica escolástica (WOORTMANN, 1997). Essa reconfiguração do pensamento ocidental, ainda segundo Woortmann (1997), ocorreu devido a transformações que abalaram muitas das verdades que organizavam a existência das sociedades europeias.

Historicamente, o conhecimento científico se ateve mais a questões da natureza e dos fenômenos físicos. Porém, com a efervescência das grandes revoluções europeias - industrial e francesa - e suas transformações resultantes, fez-se necessário compreender os fenômenos relacionados à vida social, relações interpessoais e a dimensão individual dos sujeitos (MARTINS, 2006). Diante desse contexto, no século XIX surgem as áreas do conhecimento que se debruçaram sobre estas questões, a saber Sociologia, Psicanálise e Psicologia, que, de acordo com Camargo (2005), se constituíram a partir de preceitos importados das ciências exatas, tais como objetividade, racionalidade mecânica, além de um caráter generalizante.

Se por um lado a Sociologia, a Psicanálise e a Psicologia ficaram incumbidas de estudar os indivíduos ocidentais e suas relações, com a Antropologia ficou a responsabilidade de pesquisar sobre o “outro”, os não-ocidentais, que muitas vezes eram classificados como bárbaros e sequer eram reconhecidos enquanto seres humanos.

O intento por trazer “rigor científico” também recaiu sobre a Antropologia que, em sua constituição, mantinha um diálogo próximo com as ciências biológicas e tendia a explicar atitudes e comportamentos humanos a partir de concepções genéticas, além de hierarquizar as culturas; essa tradição ficou conhecida como evolucionista e deu bases para o surgimento de práticas eugenistas no contexto mundial (LARAIA, 2005).

Todavia, a Antropologia teve uma mudança de perspectiva a partir das contribuições da escola culturalista liderada por Franz Boas. Por meio de uma crítica aos até então antropólogos evolucionistas, principalmente no que se refere ao método, Boas

reconheceu a sobreposição do ambiente na influência dos comportamentos humanos, defendendo a equanimidade entre as raças ou culturas, fundando assim, uma Antropologia do cultural/social. (BOAS, 2004; TEMPESTA; ARAÚJO; LOIOLA, 2019).

Fato este que também ocorreu com a Psicanálise ao sofrer diversas críticas por ser supostamente essencialista, ou seja, por, de certa forma, universalizar a teoria do Complexo de Édipo, desconsiderando as especificidades de sujeitos oriundos de outros contextos e dinâmicas, sobretudo nas teorias freudianas da sexualidade (SARTORI; MANTOVANI, 2016). Entretanto, principalmente após a empreitada de Freud na escrita de textos sociais no início do século XX, a Psicanálise e seus autores pós-freudianos levaram a cabo a relação intrínseca entre sujeito e cultura, reconhecendo que “não existe psicanálise sem atenção às práticas sociais.” (MENDES, 2018, p. 35).

Tal discussão é muito cara às ciências humanas de um modo geral. A busca por compreender as influências da dialética “biológico/cultural” ou “individual/social” nos comportamentos se mostra como um importante espaço de intersecção entre as áreas que estudam sobre essa temática (LARAIA, 2009). Apesar de ter ocorrido uma separação de disciplinas que deveriam se ater a questões *psi* e outras centradas nas questões sociais, Hall (2006) aponta que a compreensão do ser humano em suas complexidades deve acontecer de forma conjunta entre as áreas do saber, sendo indissociável o sujeito de sua cultura. Essa também é uma premissa na atenção à saúde, em especial nos campos da saúde mental, o qual tradicionalmente está sob a ótica *psi*, a saber, Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria (ZANELLO, 2018).

Não obstante, no Brasil, os profissionais que atuam nesta área se mostram desconectados do contexto cultural. É adotada como referencial a realidade social europeia, bem como seus respectivos sujeitos em suas práticas clínicas, ao ponto de não reconhecerem a centralidade das categorias raciais e étnicas nos contextos pós-coloniais, as quais são estruturantes nessas sociedades (CFP, 2017; GROSGOUEL, 2016; BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018).

Sob a emergência de discursos decoloniais no contexto sul-americano, sente-se, então, a urgência em sustentar uma prática clínica que se arrisca por dispositivos e possibilidades de escuta que ultrapassem as próprias convicções do sujeito psicoterapeuta e são enredadas por sombras da cultura e da civilização, de processos coloniais e pós-coloniais, como é o caso da Etnopsicanálise (BINKOWSKI; BERRIEL, 2018).

Assim sendo, discute-se a Etnopsicanálise, que conjuga conhecimentos da Antropologia e da Psicanálise, para viabilizar uma leitura mais eficiente da constituição da subjetividade. Essa abordagem desenvolveu-se dada à emergência de se acolher sujeitos não-ocidentais, os quais, por conta dos processos coloniais, passaram a acessar instituições que estavam despreparadas para suas demandas (BARROS; BAIRRÃO, 2010). Demandas essas que a Psicanálise se mostrou incapaz de acolher, sendo necessário, então, apropriar-se de conhecimentos antropológicos a respeito da noção de processo e de contexto cultural dos pacientes (BARROS, 2011).

1. Psicanálise e Antropologia: uma querela

A Europa pós-iluminista efervescia sobre os grandes avanços científicos e o alargamento de conhecimento cultural para a humanidade. Foi nesse momento que as relações entre os saberes da modernidade se apresentavam ora em colaboração ora em competição (VIDILLE, 2012). Assim sendo, os caminhos da Psicanálise e das Ciências Sociais se cruzaram por diversas questões a ponto do freudismo se engalfinhar em uma querela específica com a Antropologia no início do século XX (VIDILLE, 2012; BARROS; BAIRRÃO, 2010; BARROS, 2011).

Durante sua vida, Sigmund Freud, o fundador da Psicanálise, evidenciou grande curiosidade pela produção humana e, como bom burguês de seu tempo, dedicou-se ao vasto consumo de produção intelectual. O jovem judeu, filho do terceiro casamento de seu pai, encabeçou o legado familiar, formou-se em medicina e não resistiu ao grande chamado do espírito que pairava em seu tempo: ao trilhar sua carreira como neurologista se mudou para Paris em 1885, “A Meca da neurologia”. Freud estava disposto a acompanhar o trabalho de Jean-Martin Charcot, que nesta altura utilizava métodos de sugestão hipnótica para adormecer as pacientes da Salpêtrière⁴ em aulas públicas onde provava que a histeria, antigo

⁴ Hôpital Universitaire Pitié-Salpêtrière ou Hospital Universitário da Salpêtrière foi um famoso hospício em Paris. Servia para encarcerar mulheres que apresentavam diferentes queixas e, por isso, foi o laboratório para as pesquisas de Jean-Martin Charcot (ROUDINESCO, 1997; ZANELLO, 2018).

mal do útero, era uma neurose funcional⁵. (KAPNIST; ROUDINESCO, 1997; JORGE; FERREIRA, 2002).

Fascinado por esse enigma dos sintomas que obedeciam a uma anatomia imaginária, Freud regressou a Viena em 1886 e assumiu um posto no Departamento Neurológico do Instituto de Doenças Infantis com o intuito de manter sua renda enquanto desenvolvia um projeto pessoal com seu amigo Josef Breuer. Vivenciou, portanto, uma oportunidade para reiterar e reformular as implicações de seus estudos e, no período de 1885 até 1895, desenvolveu sua teoria sobre a etiologia sexual das neuroses a partir da escuta de suas pacientes “histéricas” (KAPNIST; ROUDINESCO, 1997; JORGE; FERREIRA, 2002).

A Psicanálise – nova reflexão e prática clínica – subverteu a lógica biomédica ao possibilitar uma estratégia de cuidado que deslocou a posição do saber-poder (MAESSO, 2011), uma vez que a questão discutida na análise é a realidade subjetiva, a verdade do sujeito, saber singular; mas, não, um saber doutrinário (ENRIQUEZ, 2005).

Dessa forma, pouco a pouco, com os avanços ao longo do século XX, a Psicanálise revelou-se como uma ciência do psiquismo e que, para além de seus procedimentos terapêuticos e estudo dos processos inconscientes, resguardava um conhecimento que se desenvolveu do indivíduo isolado para os grupos e instituições, ou seja, sobre as origens e as transformações do laço social (ENRIQUEZ, 2005).

Um de seus textos que marca essa nova tradição foi *Totem e Tabu* (1913). Influenciado por leituras de Darwin, Atkinson e Robertson Smith, além de Frazer, Tylor e Morgan⁶, os quais defendiam um desenvolvimento progressivo e hierárquico entre “primitivos” e “civilizados” (TEMPESTA; ARAÚJO; LOIOLA, 2019), Freud buscou elaborar uma possível tese sobre o início das sociedades (ENRIQUEZ, 2005; VIDILLE, 2012). Por meio de dados etnográficos secundários, elencou uma mitologia fundacional na qual a existência de interdições – ou tabus – seria comum a todas as sociedades, como é o caso do incesto;

⁵ Os estudos de Charcot e seus desdobramentos nas trajetórias de seus estudantes mudaram o enfoque sobre a etiologia da histeria que, dessa forma, passou de “farsa teatral, jogo, mesquinaria ou falta de pênis/estimulação uterina para um quadro clínico que possui suas especificidades psicossomáticas.

⁶ Apesar das referências adotadas, há fortes indicações de que Freud não separa Cultura de Civilização. Ao cunhar a ideia em *Totem e Tabu* o escritor não se implicou nas discussões de Kultur e Civilisation/Zivilization que aconteceram na Europa, por isso, para ele não há povos civilizados em contraposição a bárbaros e definiu que “...a palavra civilização descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (FREUD, 1930 [1929] /1996, apud ENRIQUEZ, 2005, p. 161).

bem como discorreu sobre a universalidade do Complexo de Édipo (BARROS; BAIRRÃO, 2010).

No entanto, um dos cânones da Antropologia, Bronislaw Malinowski, responsável por fundamentar a etnografia enquanto método de pesquisa e por justamente ter realizado pesquisa no contexto melanésio, posicionou-se contrariamente à alegação de Freud em *Totem e Tabu* (1913) sobre a suposta universalidade do Complexo de Édipo (MACDOWELL, 2015). A partir dos dados coletados com os nativos das ilhas Trobriand, publicou o livro *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem* (1927/2000), obra na qual Malinowski argumentou que Freud não teve contato direto com essas sociedades, além de não ter considerado as marcantes diferenças nas estruturas de parentesco das populações polinésias. Por isso, de acordo com Malinowski, a alegação de Freud era errônea e apresentava achados exclusivos ao modelo ocidental de estrutura social e familiar (MARTINS-BORGES; LODETTI; JIBRIN; POCREAU, 2019).

Apesar de no início do século XX Boas (1896/2004) alertar sobre as limitações e problemáticas do método comparativo desenfreado realizado tradicionalmente pelos antropólogos evolucionistas, Freud, Ferenczi, Wilma Kovacs e Marie Bonaparte decidiram enviar alguém com formação em Psicanálise e Etnologia para coletar dados diretos em campo. Foi então que em 1928 Géza Róheim empreitou essa primeira intersecção quando saiu para sua viagem exploratória para a Nova Guiné (MARTINS-BORGES ET AL., 2019).

Assim sendo, Róheim verificou que havia “profundo desconhecimento do autor em relação à Psicanálise, a começar pelo fato de que Malinowski se valia do discurso manifesto dos indígenas para atestar a inexistência do Complexo de Édipo entre os trobriandeses, por exemplo” (BARROS; BAIRRÃO, 2010, p. 47). Além de ter ido à Nova Guiné, Róheim passou por Yêmen, Djibouti e pela Ilha de Normanby, experiências que fundamentam sua teoria de que cada sociedade tem seu trauma infantil específico e que:

O que existiria de semelhante entre elas é uma situação infantil específica, de angústia infantil ou tendência libidinal que possuem uma função determinada em cada cultura. Colocando em questão que não há discurso absoluto que corresponda à leitura única do normal e do patológico, uma vez que cada sociedade tem um sofrimento que é próprio dela (FERMI, 2008 apud MARTINS-BORGES ET. AL, 2019, p. 251).

Embora a discussão tenha sido importante, dessa querela nada se resolveu. Vivendo num mundo entre as guerras mundiais, Psicanalistas, Etnólogos e Antropólogos esfriaram a discussão e se afastaram sobre o ranço de uma relação tensa (BARROS & BAIRRÃO, 2010). De um lado, a Psicanálise manteve seu interesse no social, mas voltou-se quase exclusivamente para clínica individual e a Antropologia manteve-se afastada até que ambas voltaram a se encontrar sobre a possibilidade de um novo arranjo teórico-prático apresentado por Georges Devereux em sua obra *Psychoterapie d'un indien des plaines: réalité et rêve* (1951/1985).

2. Etnopsicanálise

Georges Devereux iniciou seus estudos com Marcel Mauss em Paris, mudou-se em 1933 para estudar nos Estados Unidos da América e concluiu seu doutorado na Universidade da Califórnia em 1935. O etnólogo e mais tarde psicanalista franco-húngaro teve vasta experiência em campo com comunidades de *Hopi* e *Mohaves* da América do Norte, além de outras viagens para Nova Guiné e Indochina. Foi a partir dessas experiências que refletiu sobre a diversidade das doenças mentais em diferentes culturas (DOMINGUES; HONDA; REIS, 2019).

Seu interesse pela Psicanálise surgiu quando voltou à França após seus estudos e iniciou uma análise com Marc Schlumberger. Nesse momento, amadureceu seus entendimentos sobre a experiência cultural e sua relação com a organização do esquema psicodinâmico dos indivíduos, chegando à compreensão de que não há psiquismo sem cultura e vice-versa (DOMINGUES ET AL., 2019; BARROS; BAIRRÃO, 2010).

Ainda assim, na época do crescente nazismo na Europa, Devereux fora convidado para trabalhar na Clínica de Karl Menninger, refúgio para pensadores europeus, e retorna para os Estados Unidos da América, porém para Topeka, Kansas. Ao assumir a posição de Antropólogo na instituição, ele encontrou a chance de desenvolver, enquanto técnica, uma Psicanálise transcultural ao atender Jimmy P., indígena Blackfoot – povo norte-americano – egresso de confrontos de guerra que estava internado num hospital de veteranos com múltiplas queixas Psiquiátricas (DOMINGUES ET AL., 2019).

Devereux abominava a postura etnocêntrica e tentou acessar seu paciente por elementos de sua cultura originária no intuito de evitar “o silenciamento do doente a

respeito de sua doença e o silenciamento do discurso das culturas a respeito de si mesmas” (MENDES, 2018, p. 25). Sua experiência etnológica possibilitava-o transitar com maior facilidade entre o familiar e o diferente enquanto valia-se da escuta flutuante, da transferência e da análise dos sonhos para acessar e possibilitar o cuidado de um psiquismo que era produto de uma cultura única e que só poderia ser interpretado dentro ou a partir de referências dela mesma⁷ (BARROS; BAIIRÃO, 2010; DOMINGUES ET AL., 2019).

Dessa forma, a Etnopsicanálise surgiu como uma resposta plausível para instaurar a lógica de colaboração e complementariedade entre os campos, mas também como um posicionamento ético-político frente ao contexto de impossibilidades. Em vez de interpretar e devolver análises a partir de suas próprias referências, o recente etnopsicanalista consultava e verificava os sentidos e significados, ou seja, utilizava conhecimentos de ambas as áreas em suas integridades, recorria à Antropologia quando lhe cabia e à Psicanálise quando era preciso sem desvirtuar ou entremear os postulados (MARTINS-BORGES, ET AL., 2019).

Em 1951, Devereux reporta a experiência com a abordagem etnopsicanalítica e publica a primeira edição em inglês de sua obra *Reality and dream: the psychotherapy of a plains indian* (*Realidade e sonho: a psicoterapia de um indígena de planícies*) como fragmentos das 30 sessões dessa análise. Mais tarde, a obra foi editada em francês como *Psychoterapie d'un indien des plaines: réalité et rêve* (1985) e alcançou novas audiências. A par desse trabalho, os Antropólogos Lévi-Strauss e Roger Bastide convidam-no para lecionar na École Pratique des Hautes Études e na década de 70 Devereux funda um novo campo de estudo com a primeira edição da revista *Ethnopsychiatic*⁸.

Inicialmente, Devereux não demarcou nenhuma diferenciação entre os campos e, por isso, é passível compreender que as implicações de suas experiências com a Etnopsicanálise possibilitaram a formulação de uma compreensão mais profunda de que

⁷ Outro autor que discute essa questão é o antropólogo Claude Lévi-Strauss, em sua obra *A Eficácia Simbólica*, na qual descreve um ritual xamânico na América e reflete sobre a relação direta entre operadores terapêuticos e o contexto cultural dos sujeitos. Além de ilustrar como o “universo simbólico do homem organiza-se pela cultura, e mostra que quando existe coerência entre o internalizado pelo sujeito e a intervenção à qual ele é submetido, a eficácia se comprova” (MARTINS-BORGES ET AL., 2019, p. 251-252); (MACDOWELL, 2015); (LÉVI-STRAUSS, 1975).

⁸ Apesar do pioneirismo na institucionalização da disciplina é sabido que o termo Etnopsiquiatria não foi criado por Devereux, mas emprestado, visto que já havia sido utilizado pelo psiquiatra haitiano Louis Mars. (MARTINS-BORGES, ET AL., 2019).

“as teorias e as práticas referentes à angústia e os adoecimentos próprios aos universos culturais não-ocidentais são sensatas, coerentes, lógicas e eficazes” (GRANDSARD, 2009, p. 47).

A perpetuação da disciplina ficou a encargo de seus estudantes, em especial, Tobie Nathan e Marie Rose Moro que, de acordo com Mendes (2018), delinearão uma separação ao instituírem o que conhecemos hoje como Etnopsiquiatria. Embora tenha havido mudança na nomenclatura, algumas das premissas se mantiveram, como a centralidade da cultura do paciente, mas também, entendeu-se a importância dos operadores terapêuticos de cada cultura.

Outra figura importante nessa virada foi François Laplantine que, por meio de sua etnopsiquiatria psicanalítica, atentou-se para os territórios que passaram pelos processos de colonização, os quais, inevitavelmente, ainda sofrem com as mazelas da colonialidade (MENDES, 2018). Desse modo, portanto, se faz urgente uma práxis etnopsicanalítica nesses contextos, visto que:

Os processos de colonização, seguidos pelo movimento de globalização, expõem os sujeitos, no mínimo, a uma crise de fundamentos. O indivíduo se encontra diante de diversos modelos epistemológicos, na maior parte dos casos inconciliáveis, o que não quer absolutamente dizer, que em nome da coerência, o sujeito, indicativo de um indivíduo ou de um povo, escolha apenas um modelo. O indivíduo passa das explicações científicas (por ex. medicina) a teorias místicas (xamanismo) e vice-versa (LAPLANTINE, 2007 *apud* MENDES, 2018 p. 27)

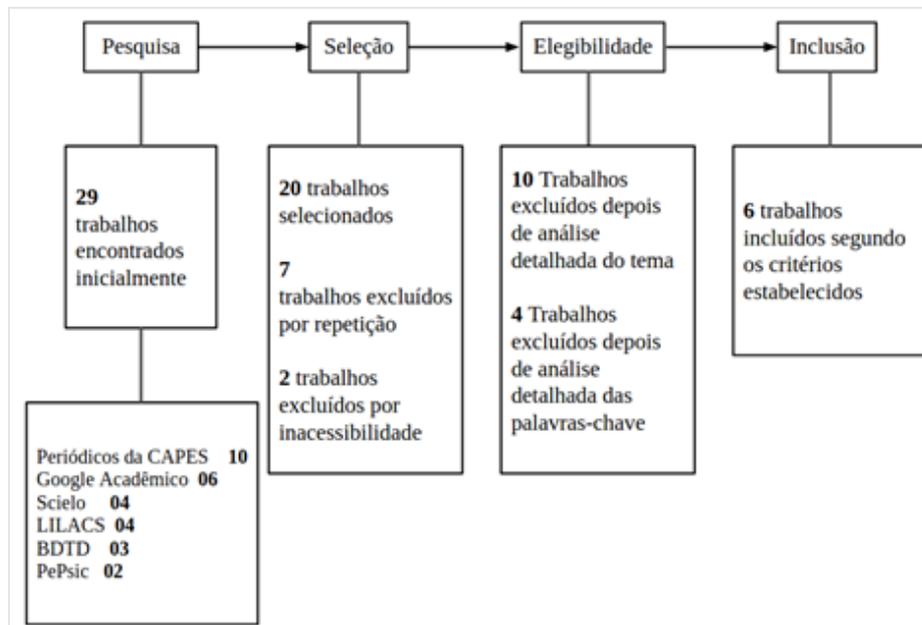
Sendo assim, neste trabalho, visamos trazer a Etnopsicanálise enquanto possibilidade e elencar as potencialidades do diálogo entre as Ciências Sociais e os campos *psi*, mais especificamente entre Antropologia e Psicanálise e, para isso, pesquisamos as emergentes produções em território brasileiro para verificar como tem sido a recepção desta disciplina no país.

3. Revisão de Literatura

No intuito de mapear as emergentes produções em território brasileiro sobre etnopsicanálise, foi realizada uma revisão de literatura que compreendeu o período de 2010 a 2019 a fim de se compreender o estado da arte das publicações. Foram consultadas 6 bases de dados: Scielo, Banco de Teses e Dissertações (BDTD), PePsic, LILACS,

Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. Para orientar a busca, optou-se por utilizar somente o descritor “etnopsicanálise”. Nas buscas iniciais, encontramos 29 trabalhos entre artigos, teses e dissertações. A Figura 1 apresenta em detalhes a quantidade de trabalhos em cada etapa da revisão.

Figura 1. Etapas da pesquisa e do processo de seleção.



Na etapa de seleção foram excluídos 11 trabalhos, dos quais 7 apareceram nos resultados de mais de uma base de dados e 4 não estavam com a obra completa disponível, dispondo apenas do resumo. Todos os trabalhos selecionados passaram por uma análise detalhada de seus resumos e palavras-chave na fase de elegibilidade. Foram elegidos somente trabalhos que continham exatamente o termo “Etnopsicanálise” nas palavras-chave e que discorriam sobre a Etnopsicanálise ao longo do texto. Após os processos de seleção e elegibilidade, foram incluídos 6 trabalhos⁹ de diferentes naturezas, entre articulações teóricas, relatos clínicos e teses de doutorado. Na Tabela 1 podem ser consultadas as informações acerca das obras.

⁹ Cabe destacar que metade dos trabalhos incluídos em nossa revisão são de pesquisadores vinculados ao Laboratório de Etnopsicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP). Fundado em 2000 e coordenado pelo professor Dr. José Francisco Miguel Henriques Bairrão, esse laboratório tem sido referência nessa temática no território brasileiro.

Tabela 1. Estudos incluídos para a revisão de literatura

Autores	Título	Ano	Revista	Base de dados	Categoria
BARROS, M. L.	Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras	2011	Universidade de São Paulo (USP)	BDTD	Tese de Doutorado
BARROS, M. L.; BAIRRÃO, J. F. M. H.	Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica	2010	Revista da SPAGESP	LILACS/Index/PePSIC/Periódicos CAPES	Articulação Teórica
BINKOWSKI, G. I.; BERRIEL, N. J.	Enredando-se pelas teias do Outro: um caso na clínica transcultural psicanalítica	2018	Acta Psicossomática	Google Acadêmico	Relato Clínico
DOMINGUES, E.; HONDA, H.; REIS, J. G.	A etnopsicanálise de Devereux no filme Jimmy P.: uma introdução à clínica transcultural	2018	Psicologia em Estudo	LILACS/Index Psicologia/ Periódicos CAPES	Articulação Teórica
MENDES, T. N. E.	Quando o completo encontrou a falta - um estudo sobre alteridade entre psicanálise e antropologia	2018	Universidade de São Paulo (USP)	BDTD	Tese de Doutorado
SARTORI, A.; MANTOVANI, J.E.T.	Psicanálise, Sexualidade e Gênero: a abertura à relativização cultural e o diálogo com a etnopsicanálise	2016	Saúde & Transformação Social	Google Acadêmico	Articulação Teórica

Nos três artigos de Articulação Teórica incluídos, a Etnopsicanálise é abordada a partir de diferentes perspectivas, mas possuem uma questão central acerca das contribuições da abertura do diálogo entre Psicanálise e Antropologia. Um dos artigos trata sobre as contribuições da Etnopsicanálise para a prática clínica (BARROS; BAIRRÃO, 2010), outro levanta pontos de discussão e reflexões acerca do estudo psicanalítico da cultura na temática gênero e sexualidade (SARTORI; MANTOVANI, 2016) e o mais recente deles apresenta uma introdução à Etnopsicanálise de Georges Devereux a partir do filme Jimmy P. (DOMINGUES; HONDA; REIS; 2018). Uma das Teses de Doutorado incluídas relata um trabalho de campo que se utilizou do método etnográfico e da escuta psicanalítica lacaniana (BARROS, 2011) e a outra teve como foco os possíveis diálogos entre a Psicanálise Lacaniana e a Antropologia de Viveiros de Castro (MENDES, 2018). Por sua vez, o artigo de Relato Clínico apresenta um caso acolhido em um projeto de escuta psicanalítica para imigrantes na cidade de São Paulo (BINKOWSKI; BERRIEL, 2018).

Por fim, vale ressaltar que a partir da análise das obras levantadas, é possível apreender que os escritos sobre Etnopsicanálise publicados em âmbito nacional privilegiam discussões teórico-conceituais e epistemológicas sobre Psicanálise, gênero e estudos culturais a fim de promover uma prática clínica aliada a uma postura pós-colonial, isto é, não etnocêntrica que considera elementos multiculturais da matriz brasileira para elaboração e interpretação de estratégias terapêuticas, enquanto os estudos clássicos, internacionais, tendem a abordar a delimitação teórica e o desenvolvimento de uma nova disciplina ou área do saber.

Conclusão

É emergente a necessidade de superar os discursos coloniais e contextualizar a prática clínica diante da realidade sul-americana, reconhecendo o caráter estruturante da colonização nesses contextos e, portanto, a importância de um campo *psi* que evidencie a centralidade das categorias étnicas e raciais que estão profundamente arraigadas nessas sociedades.

A Etnopsicanálise enquanto proposta de união entre Psicanálise e Antropologia se mostra bastante fértil para a compreensão de fenômenos da clínica psicológica na realidade pós-colonial. Entretanto, o bom funcionamento do encontro dessas disciplinas está

condicionado à superação de paradigmas históricos, a saber, a espetacularização do outro, no caso da Antropologia, e a limitação analítica dos campos *psi* ao modelo saúde e doença.

Por isso, é urgente uma construção dialógica entre os saberes, pautando um compromisso ético-político com o bem-viver dos territórios e populações, além de uma práxis clínica implicada no respeito às diversidades, nas formas de ser e estar no mundo.

Diante dos trabalhos investigados na presente revisão, percebemos que existe um baixo número de produções nacionais sobre a Etnopsicanálise e também sobre uma prática psicanalítica transcultural. Entretanto, pode-se inferir um movimento de ampliação de estudos dessa temática, tendo em vista que a maior parte dos trabalhos aqui incluídos foram realizados nos últimos cinco anos. Esperamos que em breve seja possível enveredar sobre várias produções que nos permitam falar a respeito de uma Etnopsicanálise à brasileira.

Referências

- BARROS, M. L. D. Labareda, teu nome é mulher”: *análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras*. Tese de Doutorado apresentada à USP/Ribeirão Preto, 2010.
- BARROS, M. L. D.; BAIRRÃO, J. F. M. H. *Etnopsicanálise: Embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica*. Revista da SPAGESP, v. 11, n. 1, p. 45-54, 2010.
- BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, Autêntica, 2018.
- BINKOWSKI, G. I.; BERRIEL, N. J. *Enredando-se pelas teias do outro: um caso na clínica transcultural psicanalítica*. Acta Psicossomática, v. 1, n. 1, 2018.
- BOAS, F. As limitações do método comparativo da antropologia; Raça e progresso. In: *Antropologia Cultural*. CASTRO, Celso (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAMARGO JR, K. R. D. *The biomedicine*. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 15, p. 177-201, 2005.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA–CFP. *Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. 2017.
- DEVEREUX, G. *Reality and dream; psychotherapy of a Plains Indian*. 1951.
- DOMINGUES, E.; HONDA, H.; REIS, J. G. D. *A etnopsicanálise de Devereux no filme Jimmy P.: uma introdução à clínica transcultural*. Psicol. Estud., Maringá, v. 24, 2019.
- ENRIQUEZ, E. *Psicanálise e ciências sociais*. Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 153-174, Dec. 2005.
- FREUD, S. *Totem e tabu. Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos:(1912-1914)*. Companhia das Letras, 2012.
- GRANDSARD, C. *Enveloppe culturelle et*

attachement social. *Santé Mentale*, n. 135, p. 46-49, févr. 2009.

GROSGOUEL, R. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, M. P. *Freud: o criador da Psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LAPLANTINE, F. *Ethnopsychiatrie psychanalytique*. Editions Beauchesne, 2007.

LARAIA, R. D. B. *Da Ciência Biológica à Social: a trajetória da Antropologia no século XX*. *Habitus*, v. 3, n. 2, pp. 321-345, 2005.

_____. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. A eficácia simbólica. *Antropologia estrutural*, v. 4, 1975.

MACDOWELL, P. D. L. *Sujeito e subjetivação no pensamento ameríndio, ou Por um diálogo entre a etnologia e a saúde mental*. Monografia apresentada à UnB, 2015.

MAESSO, M. C. *Fundamentos do diagnóstico e a posição do analista*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, 2011.

MALINOWSKI, B. *Sexo e repressão na sociedade selvagem* (FM Guimarães, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927), 1973.

MARTINS, C. B. *O que é sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006

MARTINS-BORGES, L. et al. *Inflexões epistemológicas: a Etnopsiquiatria*. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 31, n. spe, p. 249-255, Dec. 2019.

MENDES, T. N. E. *Quando o completo encontrou a falta-um estudo sobre a alteridade entre psicanálise e antropologia*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, 2018.

SARTORI, J. E. T.; MANTOVANI, A. *Psicanálise, Sexualidade e Gênero: a abertura à relativização cultural e o diálogo com a etnopsicanálise*. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, v. 7, n. 3, p. 166-175, 2016.

TEMPESTA, G. A.; DE ARAÚJO, J. P. S.; DE LOIOLA, D. R. *Revisitando conceitos antropológicos clássicos em um museu imaginado*. *Cadernos de Campo* (São Paulo 1991), v. 28, n. 2, p. 47-66, 2019.

VIDILLE, W. *Psicanálise e Antropologia: competição ou colaboração?*. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 64, n. 1, p. 25-28, jan. 2012.

WOORTMANN, K. Os planetas e os continentes: a reinvenção do mundo exterior. *Religião e Ciência no Renascimento*. Brasília: Editora UnB, pp. 27- 67, 1997.

ZANELLO, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

Documentários:

A invenção da Psicanálise. Elizabeth Kapnist e Elizabeth Roudinesco. 1997. 115 min. Documentário.